

**SATIE: VEXATIONS****Joana Gama (p)**

Gulbenkian, Lisboa, dia 14

O problema da execução de “Vexations” — a peça para piano de Erik Satie (1866–1925) descoberta postumamente — são as 840 vezes. A partitura tem apenas 32 compassos, ocupa uma página e é para ser tocada ‘Muito Lentamente’ 840 vezes seguidas. Porque não 420 ou 2520? São todos números especiais na sua ‘superabundância’, menores múltiplos comuns da séries de dígitos 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7 (ou 8 e 9). Sete é um número mágico (dos dias da semana aos pecados mortais) e nove completa a série. Satie escolheu o oito (que deitado simboliza o infinito), talvez por causa das oitavas pianísticas. Ou seriam as oito bem-aventuranças enunciadas por Jesus Cristo no ‘Sermão da Montanha’ (postas em música na oratória de César Franck em 1879)? Também é verdade que oito é o número da sorte em várias culturas asiáticas. Joana Gama, pianista dada às artes performativas do corpo, é dos poucos que se aventuram a tocar sozinhos esta obra simbólica de Satie (que se alimenta da eternidade). Na estreia em 1963, produzida por John Cage, teve a participação de uma dúzia de pianistas e durou 18 horas. Dada a inspiração wagneriana, houve quem lhe chamasse o “Der Ring des Nibelungen” dos pobres. O recital iniciou-se às 10h e durou até à meia-noite. Séria e concentrada, seguindo o conselho do autor, Joana Gama preparou-se bem: sapatos confortáveis e vestido solto, branco. O tema, iniciado pela mão esquerda ao ritmo do *flâneur*, usa a zona média do piano. Duração média: 1’ 50” por folha. Feitas as contas, ao fim das 14 horas deve chegar às 450 vezes. Gama não usa os pedais mas exercita discretamente os pés. Ao longo do dia fui acompanhando em direto (*videostreaming*), *on and off*, a execução, mas também passei pela Gulbenkian ao princípio da tarde para assistir ao vivo. Cerca de trinta espectadores (incluindo crianças), numa audiência sempre renovada. Uns dormitavam, embalados pela música; a maioria, porém, passava o tempo agarrada ao telemóvel. No fim, ninguém pediu bis (ao contrário do que aconteceu na estreia)... Satie faz falta. Põe-nos a pensar.

/ JORGE CALADO